

Íntimo

Diana Prata

27 anos, geneticista

Diana Prata é cientista em Londres e vai participar esta semana numa conferência na Gulbenkian



Recolhi o DNA de 100 doentes esquizofrénicos. Depois, esses doentes foram postos num «scanner» para tirar fotografias ao cérebro enquanto faziam um teste de fluência verbal. Quando têm de dizer uma palavra para determinada letra, e se fizerem isso 100 vezes, os esquizofrénicos dão muito mais erros do que as pessoas normais. Têm de esforçar muito certas zonas do cérebro. Estou a tentar ver se há um antecedente genético nestes padrões.

Estou a estudar nove genes suspeitos de terem a ver com a esquizofrenia. Aquele que me está a dar mais trabalho neste momento chama-se COMT e codifica uma enzima que degrada a dopamina, que é um neurotransmissor. Na zona do córtex pré-frontal do cérebro, responsável pela cognição, pensa-se que os esquizofrénicos têm falta de dopamina. Pode ser porque o COMT esteja a trabalhar demasiado. Por outro lado, na zona interior do cérebro, eles têm

dopamina a mais. Por isso, sofrem de alucinações. Estou a tentar contribuir para confirmar ou refutar estas hipóteses como o meu doutoramento.

Quem fumar cannabis intensivamente na adolescência e tiver herdado uma certa versão do gene COMT, está mais susceptível de vir a ter esquizofrenia. O *cannabis* aumenta a dopamina na região interior do cérebro. No futuro, qualquer pessoa com familiares esquizofrénicos poderá saber se tem a versão de risco de um gene.

Mandei um e-mail para Londres a candidatar-me a um estágio, através da Faculdade de Ciências de Lisboa, onde fiz Biologia. E aceitaram-me: entrei para o grupo do professor David Collier, no Instituto de Psiquiatria do King's College of London. Agora estou a fazer doutoramento, com uma bolsa da FCT.

Desde os quinze anos que faço dança e teatro. A meio do curso de Biologia fui para uma escola de dança em Amesterdão para confirmar o que queria fazer com esse lado artístico. Fiquei com muitas saudades das aulas de Biologia.

Eu e alguns amigos temo-nos juntado à sexta, à hora de ponta, na London Bridge, no meio das pessoas que vêm do trabalho. A ideia é vestirmo-nos como elas, mas comportarmo-nos de maneira diferente. Fazemos performances espontâneas e imprevisíveis. Comecei a interessar-me bastante pela improvisação depois de estar em Londres.

A minha bicicleta é preta, tem duas rodas e vou com ela para todo o lado.